



pequenas
ausências

DAYANNE DOCKHORN

Pequenas Ausências

Dayanne Dockhorn

Texto de orelha

por Thaís Campolina

O cotidiano é repleto de momentos singelos que facilmente passam despercebidos. Em *Pequenas Ausências*, Dayanne Dockhorn volta-se a eles enquanto busca se refazer após a perda de sua coelhinha de estimação. De início, a lembrança dos hábitos de Floqui não acontece por escolha: é inevitável, por sua ausência palpável em um dia a dia que passa a se desenhar sem ela. Porém, esse inevitável se desdobra em um tocante esforço pelo registro de sua presença no mundo.

Escrito em formato de cartas endereçadas a Floqui, o livro conversa com todos aqueles que são apaixonados por gatos, cães e, claro, coelhos. E, além disso, com todos que conhecem a perda e o medo da perda. A autora transforma o luto em território, cenário e personagem para se contrapor ao fato de que, quando ele acontece pelo falecimento de animais de estimação, raramente é levado a sério – ainda que muitos humanos compartilhem o melhor de seus dias com eles.

Sabemos ser provável vermos nossos bichinhos partirem, já que a maioria deles têm uma expectativa de vida bem menor que a nossa, e esta delicada obra abarca essa despedida sem a subestimar. Com sua tocante homenagem a Floqui, a autora nos leva a refletir sobre nossa bonita relação de amizade interespecies. Perder um animal de estimação é, sim, perder alguém.

A todos nós, que vivemos e partimos.

Parte I

"Não há nada fora do lugar, mas o mundo está de cabeça para baixo."

Dia 1

Querida Floqui,

Algumas horas depois do telefonema, Martín e eu estamos a caminho do hospital veterinário, de mãos dadas no banco de trás.

Em meio às demais pessoas na sala de espera, somos os únicos carregando uma caixa de transporte vazia. Tento pensar em outra coisa, mas logo sou interrompida por um meio-sorriso: a enfermeira nos chama. Eu a reconheço das semanas em que visitar o hospital se tornou um tipo de rotina para nós, e retribuo o cumprimento com as lágrimas chegando aos lábios.

Faço menção de levantar, mas Martín me segura pela mão.

"Tem certeza?"

"Eu preciso vê-la."

Passamos pelo corredor que adentra o hospital, e bastam poucos passos para te ver de relance na bancada do primeiro consultório. Eles tiveram a delicadeza de te cobrir com uma mantinha rosa, mas sei que é você.

Da porta, assisto Martín revelando seu rosto, então encaro seus olhos amendoados abertos. Por um minuto, penso que você ainda está respirando. De outra forma, como eu estaria de pé, ali, presenciando a sua morte?

Você só tinha dois anos, e, no grande esquema das coisas, dois anos podem significar apenas algumas respirações.

Para mim, dois anos são uma vida inteira.

*

Quando destranco a porta, espero ver você e Olívia correndo em minha direção, como fizeram tantas vezes antes. Da entrada, a casa quieta e vazia é insuportável. Não há nada fora do lugar, mas o mundo está de cabeça para baixo.

Você adorava escalar os móveis da sala, deixando mordiscos por onde quer que fosse, até mesmo nos quadros pendurados atrás do sofá. Fico presa nessas marquinhas – agora, só elas aparecem para me receber.

Deixo a caixa de transporte no chão e começo a percorrer os cômodos procurando por você, o que eventualmente se tornará um ritual. Procuro na cozinha, onde você costumava implorar por petiscos com a patinha encostando na minha perna para chamar atenção; nos tunezinhos da sala, onde você costumava se esconder; na sacada, onde você costumava tomar banho de sol. Só depois olho debaixo da cama, onde você e sua irmã costumavam dormir durante as tardes.

Ali, encolhida feito um pãozinho, está Olívia. Falo que é hora da janta, mas não há reação à minha voz.

Sei que ela desejava se despedir, também.

Deito minha cabeça no chão ao lado dela, me desculpando e esperando que você encontre seu caminho de volta para nós de alguma forma.

